

Porquê Sakrani? 40 anos depois...

# Memórias dum médico duma guerrilha esquecida

Por Paulo Machava

**O médico Hélder Martins, autor de um livro de memórias intitulado "Porquê Sakrani? Memórias dum médico duma guerrilha esquecida", disse, em entrevista ao SAVANA, que "eu não procurei fazer história, procurei contar aquilo que se passou comigo e que assisti".**

Hélder Martins, um médico histórico da luta de libertação deste País, afirma ainda que "eu fui o primeiro moçambicano de raça branca a filiar-me num movimento de libertação nacional. Fui primeiro duas vezes: fui primeiro de raça branca a filiar-me na UDENAMO, um dos movimentos que constituiu a Frelimo, e depois na própria Frelimo. É verdade que foi muito mais fácil do que eu pensava filiar-me na UDENAMO, não obstante o facto de ter provocado a fúria do presidente da UDENAMO, Adelino Gwambe, que, na altura da minha admissão, se encontrava em Gana e que era averso à integração de alguém da raça branca no movimento".

Na conversa com o SAVANA, o Dr. Hélder Martins explica as razões de 40 anos depois fazer o lançamento de um livro de memórias, no qual descreve-nos as circunstâncias em que chegou a Dar-es-Salaam, em 1961, e como foi aceite na UDENAMO. Depois relata-nos o seu percurso para a participação directa na Luta Armada de Libertação Nacional.

Porquê Sakrani? é o título do livro a ser lançado no próximo dia 27 do corrente mês, no Centro Cultural da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, em cerimónia que se espera seja largamente concorrida e nela participe uma grande gama de pesso-

as interessadas neste testemunho sobre a Luta de Libertação Nacional.

**Mas porquê Sakrani como título do livro?**

— O título está explicado no livro e já agora eu não queria tirar a curiosidade aos leitores, desvendando o que

vem explicado no capítulo 11. É lá onde está explicado, e deixaria a curiosidade dos leitores e aqueles que tiveram a oportunidade de comprar o livro terão a explicação deste título um pouco estranho. De qualquer maneira, o sub-título dá a ideia do conteúdo do livro.

dactilografados. Mas, também, senti que havia outras prioridades em relação à Metodologia de Solução de Problemas. Recordar-se que eu publiquei, nos últimos dois anos, dois livros sobre a Metodologia de Aprendizagem por Solução de Problemas.



Hélder Martins

Mas porquê quase 40 anos depois faz o lançamento das suas memórias, em livro?

— Porquê só agora? Por uma simples razão: é que só agora tive tempo. Tive que me reformar para ter tempo de escrever. Aliás, já na fase final, quando me preparava para a reforma, comecei a fazer alguns registos sonoros para a cassette, que depois foram transcritos para textos

Porquê dei prioridade a esses livros? Por uma razão: porque é uma metodologia nova sobre a qual existe pouca coisa escrita e em português não existe absolutamente nada. Portanto, senti que isso era uma prioridade, pois dava a conhecer uma metodologia nova e, sobretudo, dava a oportunidade às pessoas que usam a língua portuguesa de poderem ter, em primeira mão, um traba-

lho desenvolvido sobre isso. E não é que não dei importância a este livro, mas eu pensei que este livro já tinha esperado trinta e tal anos, então podia esperar mais dois anos, ao passo que a metodologia até corria um risco... como a universidade, sobretudo no Brasil, está a utilizar esta metodologia. As pessoas dessas universidades poderiam escrever os seus livros, e então o meu livro já não seria o primeiro, e perderia assim a oportunidade de ser o primeiro. Então, eu preferi dar prioridade a esse livro. Foi por essa razão.

Agora, não significa que não desse importância a este livro. E muito tempo depois é porque a gente só quando é velha começa a sentir a importância de determinadas coisas. E eu aproveitei para escrever numa fase em que a minha memória está muito viva, está muito aguda e estou muito satisfeito com o resultado deste livro, pois consegui lembrar-me de coisas com bastante pormenor, relacionar datas, etc., a um nível que eu próprio esperava conseguir. Eu fui-me aconselhar com algumas pessoas que são especialistas na recolha de depoimentos orais e eles deram-me algumas receitas de como se avia a memória. E segui esses conselhos e, de facto, foram muito boas e, em particular, a confrontação das nossas memórias com as das outras pessoas que viveram os mesmos acontecimentos. Isto foi extremamente bom, sobretudo quando se precisa de datar exactamente os aconteci-

mentos.

Mas há uma advertência que gostaria de fazer, que acho importante: ninguém deve ver nisto um trabalho de investigação histórica, por várias razões.

Primeiro, porque não sou historiador. Nunca fui e nem pretendo ser. Não tenho formação de historiador, não tenho experiência de investigador. Tenho experiência de investigação na área de saúde, na área pedagógica, etc., e a metodologia de investigação de uma maneira geral tem alguns princípios que são comuns a todas as áreas, também de investigação histórica, mas a área de investigação histórica tem algumas coisas específicas que eu não domino.

Isto é um testemunho na primeira pessoa, quer dizer: eu só testemunho aquilo que eu vi, sobre as pessoas com quem falei e o que me disseram. Portanto, aquilo que realmente fez parte da minha vivência; como é que o mundo estava organizado naquela altura. Toda a gente sabe que o mundo muda. O que vai suceder é que muita gente que vai ver este livro e que corre o risco de, no seu esquema mental, ser o esquema do ano 2001, do mundo que existe no 2001. Mas quando as coisas se passaram, na década 50 ou 60, o mundo era diferente. Então, não se pode estar a julgar os acontecimentos de 40 anos atrás com os olhos do século vinte e um. Portanto, é preciso que



as pessoas sintam isso, que o mundo mudou. Hoje vive-se no mundo em que só existe uma grande potência, que impõe os seus ditames ao mundo. Vive-se no mundo em que só existe um sistema que aparece como receita universal para todos os países. Naquela altura, não era assim. Recordar-se que houve uma altura em que o mundo era bipolar, com toda confrontação entre o capitalismo e comunismo. Depois o mundo tornou-se tripolar com o conflito sino-soviético; depois o mundo tornou-se quadrilátero com a emergência do movimento dos Não-Alinhados, enfim, a todas essas alterações que foram surgindo ao longo do tempo que foram condicionando as lutas de libertação não só em Moçambique como em outros países. E é preciso que o leitor se aperceba destes factores, daí que tento situar os acontecimentos no tempo e no contexto e no plano das ideias que estavam a determinar o mundo naquela altura.

Outra questão também que interessa, concerta-se, às pessoas é que estas minhas memórias terminam em 1968. Porquê isto? Por uma razão muito simples. Até lá fui um actor activo e directamente envolvido nos acontecimentos. Então, posso testemunhar na primeira pessoa. Depois, com a minha expulsão da Tanzânia, eu passei a acompanhar os acontecimentos um pouco à distância, lendo comunicados, conversando com dirigentes que estavam de passagens nos locais onde eu estive; lendo documentos de alguns elementos reacionários que largaram a Frelimo, etc.. Eu sempre acompanhei os acontecimentos com todas as informações de um lado e doutro. Mas achei que se fosse testemunhar sobre isso iria testemunhar na base de ouvir dizer. Então, eu acho que isso não é aceitável. A pessoa deve testemunhar na base daquilo viu ou viveu. Acho que a partir de 1968 haverá outros que poderão testemunhar sobre essa época.

**O doutor continuou sendo um membro da Frelimo mesmo depois da sua expulsão?**

— Efectivamente, continuei sendo membro beneficiando do enquadramento da Frelimo, mas a luta passava-se no interior de Moçambique, com o seu apoio na Tanzânia. E uma vez que o governo da Tanzânia me tinha interditado o acesso ao seu território, então não podia haver uma participação directa, só podia ser indirecta, eu achei que só podia testemunhar sobre aquilo que vi directamente.

**Quanto tempo o Dr. le-**

**vou para escrever essas memórias?**

— É um pouco difícil responder a essa pergunta, porque eu trabalhei nisto e interrompi, voltei a trabalhar. Digo-lhe que comecei a escrever algumas coisas sobre o livro há cerca de cinco anos, mas, digamos, a fase da redacção foi nos finais do ano passado, e nos quatro primeiros meses de 2001. O meu descrito ficou fechado nos primeiros dias de Maio deste ano. Mas realmente o trabalho intenso foi de Janeiro a Abril em que eu não fiz mais nada, senão, escrever, escrever e só escrever.

**Eu me recordo que há bem pouco tempo o Jornal SAVANA divulgou uma série de documentos-testemunhos de outras pessoas que estiveram na Frelimo, ou que estiveram na formação da formação da Frelimo, que provocaram polémica. O seu livro aborda essa questão como resposta a tanta polémica que se gerou à volta disso?**

— Nessa altura, eu dei o meu contributo para esclarecimento dessa questão. O que eu digo neste livro é a verdade, e quem quiser acreditar que acredite, e quem não quiser acreditar também é livre disso. Cada um é livre de fazer o que quiser. Mas acho que a minha verdade tem substância. Quem ler o livro vai perceber que esta verdade tem substância, está aligeirada em factos: outros testemunhos que aparecem aí... que a última hora querem tirar louros e acho que não têm a mesma substância que tem o meu livro. Acho que é bom os leitores lerem e depois vão julgar. Mas digo que quem quiser acreditar acredite e quem não quiser que não acredite. Isso já é de fórum íntimo de cada um, mas posso garantir uma coisa: o que eu digo neste livro é a verdade.

As vezes, quando há uma situação ou outra em que eu faço um julgamento, isso já não é descrever a realidade, é fazer julgamento, mas está lá muito claro no livro que aquilo é a minha opinião pessoal. Isto trata-se de casos de interpretação, há situações factuais que depois exigem interpretação, então, mas, nesta altura, está cá bem documentado nos livros que eu estou a dizer que aquela é a minha interpretação pessoal.

**É verdade que o Dr. Helder Martins foi o primeiro moçambicano de raça branca a filiar-se no movimento de libertação nacional?**

— Como vai ver, essa parte, aliás, eu já divulguei na própria carta que escrevi para o SAVANA há tempos. Foi muito mais fácil do que eu pensava o seguinte: eu, quando cheguei a Dar-es-Salaam e não era um desconhecido,

porque já lá estivera, vieram ter comigo os membros da UDENAMO que estavam lá nessa altura, e vieram, de facto, me fazer um inquérito policial. Foi uma conversa que durou seis horas, e bom, eu expliquei a minha história, como é que eu estava lá, o que é que me tinha sucedido, eu tinha desertado da marinha de guerra portuguesa, e também expliquei as circunstâncias em que consegui desertar da tropa portuguesa, e claro que tudo isso agora fica muito mais explicado, e muito mais em detalhes neste livro, vêm também as complicações de que eu beneficiei para conseguir isso tudo. Expliquei que do outro lado deram-me informações sobre a constituição da UDENAMO e já naquela altura se falava da uni-

ção, o que impossibilitou os outros até de apresentarem candidaturas, porque, digamos, as portas estavam fechadas e só uns anos mais tarde é que essas portas se abriram. Aliás, o meu livro explica isso tudo e eu acho que eu também tive um papel a fazer ao abrir as portas. Elas não se abriram por obra e graça do Espírito Santo, elas abriram-se porque houve coisas concretas feitas em que o próprio movimento de libertação teve que reconhecer que afinal havia possibilidade de utilizar outras pessoas, e de novo eu fui o primeiro branco a vir participar. Portanto, fui o primeiro branco duas vezes. Fui no início e aí fui o único que aderi à UDENAMO. Não há mais nenhum moçambicano de raça branca

lo, o porquê Sakrani? Aliás, este título foi sugerido por minha esposa. Ela até tinha dito que se eu não tivesse tempo de escrever ia-se profilhar a gravar os meus depoimentos etc.. Mas bom, entre essas intenções e a prática, há um certo desfasamento, mas a ideia deste livro tem, pelo menos, 15 anos. A materialização começou a desenhar-se nos últimos cinco anos. Portanto, não sei se há 15 anos havia, na Frelimo, não sei nada dessa crise. Se havia não tem estritamente nada a ver uma coisa com outra. Olha, demorei este tempo todo porque ou eu sou preguiçoso ou, então, porque eu tinha tanto por fazer, mas é que sempre tive uma vida muito ocupada profissionalmente que não dava tempo só porque isto é preciso investir algum tempo. Digo-lhe francamente, nos últimos 4 ou 5 meses, é o período em que foi um trabalho a tempo inteiro, eu cheguei a ficar 12 a 13 horas por dia diante do computador.

**Acredita no sucesso deste livro tal como aconteceu com a Metodologia de Aprendizagem?**

— Sabe, eu não tenho bola de cristal, por isso não sei. Eu devo dizer que fui bastante prudente ao fazer uma edição só com 1300 exemplares, porque acho que é prudente. Os outros livros tinham um público profissional que precisava deles, aqui já é uma questão mais geral. Mas eu tenho recebido muitos encorajamentos dos mais diversos estratos sócio-económicos, de intelectuais, de pessoas mais da base, de pessoas com prudente formação académica, também, de alguns com fraca formação académica que, ao longo destes anos, me têm vindo a encorajar a escrever e, sobretudo, quando eu fiz as declarações ao SAVANA, em que prometi que lá escrever este livro os encorajamentos foram muitos que vieram de toda a parte. Se estas pessoas adquirirem o livro acredito no sucesso. Agora, tenho que lamentar, este livro vai custar 300 mil meticais. É muito dinheiro, mas são os custos que são muito elevados. Como sabe o Metical está a derrapar, mesmo aquilo que em Dólar há dois ou três meses representava menos meticais, agora representa mais meticais e, portanto, não tenho maneiras de tornar o livro menos caro. Eu ainda tentei obter patrocínio junto de duas agências que têm dado aí patrocínios, a mim negaram. Então eu tive que ser cuidadoso porque o patrocínio iria permitir fazer uma tiragem maior, e se cobrisse os custos de produção do livro o preço de venda ao público era só para despesas de distribuição. Poderia pôr o livro à volta de 100, o máximo 120 mil meticais. Ora, sem patrocínio isso não é completamente possível. Recebitampa, deram-me negativa. Vamos agora ver o julgamento do público.

**O livro será distribuído por todo o País?**

— Onde houver uma estrutura comercial para vender livro eu vou tentar colocar lá. Sabe que em todo o País há muitas cidades capitais que nem sequer livraria têm, portanto é difícil colocar o livro onde não há livraria.

**Só ao nível nacional?**

— Essa é uma boa pergunta, pelo seguinte: aqui, há tempos, quando eu comecei a pensar neste livro, pensei que era só para o mercado nacional, que ninguém noutros países está interessado em saber das malhas de Helder Martins. Podia haver assim um certo interesse em Moçambique, mas que não haveria mais em nenhum sítio. Entretanto, as primeiras pessoas que me falaram disso foram jornalistas portugueses. Começaram a dizer-me, mesmo correspondentes que se encontram cá em Maputo, que em Portugal, por exemplo, há muito interesse em ter testemunhos sobre a luta de libertação nacional, a guerra colonial, e que para já em Portugal publicou-se pouco e o pouco que se publicou é mais ou menos o que traduz o ponto de vista dos que participaram na guerra do lado de lá, mesmo os que desertaram, como atitude política de recusa de participar na luta de libertação sentiram que desertaram, ficaram de fora, não tinham nada que falar, então não há trabalho sobre isso. Então praticamente toda a geração de menos de 45 anos, em Portugal, não sabe o que é que fez a guerra colonial e a única coisa que sabe é a versão que os pais deles lhes disseram, que são aqueles que pela força do serviço militar obrigatório participaram na guerra colonial. Então esses jornalistas dizem-me, não sei se porque nasci em Portugal, que toda esta camada de gente com menos de 45 anos tem a sensação que o pouco que se escreveu só traduz o ponto de vista de um lado, então têm uma certa sede de saber desses que andaram nas lutas de libertação, quais são as razões que lhes levaram a ir lá... Eu agora, nesta passagem por Portugal, estive lá por pouco tempo, mas consegui assinar um contrato de distribuição dos meus livros em Portugal, mas, por enquanto, cobrem só os dois livros sob a Metodologia da Aprendizagem, a solução aos problemas. O distribuidor quer ver o livro para tomar alguma decisão sobre ele e eu estou no processo de enviar alguns exemplares para poder tomar uma decisão, mas aparentemente parece que há um possível mercado para vender este livro em Portugal. Se assim for, terei que fazer uma reedição, porque sem se vender bem em Moçambique... 1300 exemplares são só para o mercado moçambicano.

**As suas memórias não colidem com...?**

— Eu não tive obrigação de seguir nenhuma cartilha nem de colidir com ninguém, escrevi a verdade. Penso que a verdade que eu escrevi não colide com nada, mas só depois de as pessoas lerem é que podem saber se alguém se sente colidido ou não. Agora, uma coisa é certa: aquilo que eu escrevi é a verdade. Não recebi nenhuma pressão de ninguém. Segundo eu fiz saber a toda a gente, eu não aceitaria pressões de ninguém, e acho que para o bom entendimento meia palavra basta, toda a gente percebeu que não valia a pena fazer pressões sobre mim. Então, ninguém exerceu pressão sobre mim, eu assumo a inteira responsabilidade do conteúdo do livro.



Esta é a capa do livro Sakrani

dade, mas ainda era numa fase muito precoce; o estado das coisas para se atingir a unidade. Veja ainda que eu não pedi em nenhum momento para ser admitido na UDENAMO, porque eu achava que não podia chegar ali exigir logo alguma coisa. E eu compreendia que houvesse desconfiança em relação a um branco que chega, etc.. Mas, no dia seguinte, trouxeram-me o cartão de membro e isto quer dizer que foi convincente. Portanto, foi muito mais fácil do que eu esperava. Vieram trazer o cartão de membro, fiquei surpreendido e contente e, hoje, estou muito mais contente por o ter guardado até hoje e poder dar uma imagem dele aqui na parte das imagens. Reproduzo-o aqui como ele me foi atribuído naquela altura. Mas é claro que isso gerou reacções, em particular de Adelino Guambe que era o presidente da UDENAMO que não estava lá nessa altura, estava em Gana. E então, lá em Gana, ele levantou a sua fúria contra os outros colegas que me tinham aceite e atribuído cartão de membro. Isso fez levantar o problema. Então, como a democracia dentro da UDENAMO não era assim muito grande, pois, quando o presidente dizia uma coisa isso era que contava, isso é que é a verdade. Assim se ficou num período de confusão: se os brancos podiam ou não participar na luta de libertação,

que tenha aderido à UDENAMO, depois da confusão que se gerou, as portas ficaram fechadas e, entretanto, deu-se a fusão da Frelimo e também tiveram alguns indícios da Frelimo. A Frelimo tinha muitos problemas com que se ocupar, do que se ocupou disso, e isso também está bem explicado neste livro. Aliás, eu tive que fazer alguma coisa para indicar que a gente também não fica de braços cruzados, pois nós tínhamos que mostrar que somos moçambicanos e somos úteis, tínhamos que fazer alguma coisa mesmo longe do foco da luta somos capazes de fazer alguma coisa. E é isso que eu acho que consegui mostrar, entretanto, os dirigentes da Frelimo aperceberam-se que havia esse trabalho feito que era louvável e veio o convite que primeiro foi dirigido a mim e eu sou o primeiro a voltar.

**Ao lançar este livro agora, não será uma forma de tentar catapultar a Frelimo, que, segundo se diz, está a atravessar uma certa crise interna?**

— Não. Isso não. Não tem nada a ver uma coisa com outra. Eu já tinha a intenção de fazer estas memórias pelo menos há cinco anos, mas até já é mais antigo que isso, porque mesmo quando eu estava a trabalhar para a OMS a minha mulher já muitas vezes tinha sugerido a feitura dessas memórias, e ela naquela altura sugeriu este títu-